

DESCRIÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE FUGA E ESQUIVA NAS RELAÇÕES CONJUGAIS

JANUÁRIO, Vanuza de Azevedo¹
PEDROSO, Reginaldo²

RESUMO

A literatura aponta para a análise do comportamento como uma ciência que nos últimos cinquenta anos tem se preocupado em mostrar a influência que o ambiente exerce sobre o comportamento humano. Ao estudar esse comportamento dentro do contexto das conjugalidades depara-se com o controle proveniente das interações e torna evidente a prática coercitiva nos relacionamentos conjugais. Em relação a este tipo de interação, pode-se afirmar que o controle exercido por ambos os parceiros na relação é real e deve ser visto de fato como produto das práticas culturais em que se vive, onde as várias mudanças ocorridas na sociedade são diretamente experiência das pelos cônjuges. A cada época uma nova lei, uma nova realidade, novas maneiras de se viver e de se relacionar são presenciadas. O presente estudo teve como objetivo descrever padrões comportamentais presentes nas relações conjugais com foco no controle coercitivo. Participaram deste estudo 124 pessoas, sendo 62 homens e 62 mulheres, com idade entre 18 e 67 anos. No momento da coleta, todos os participantes se encontravam casados, com tempo de casamento entre 04 meses a 40 anos. Os participantes foram escolhidos aleatoriamente e a coleta de dados foi realizada em duas etapas, sendo que para a primeira etapa foi elaborado um protocolo para o grupo masculino e outro para o grupo feminino, conforme Gray (2008) com aplicação individual. Em seguida, foi realizada uma análise de conteúdo levando em consideração as respostas de grupo para cada uma das sentenças apresentadas aos participantes. A partir dessas análises foi elaborado um protocolo fechado em escala *Likert*, tanto para o grupo masculino quanto para o grupo feminino, contendo 22 sentenças, sendo 11 focando comportamento de esQUIVA e 11 o comportamento de fuga, com cinco alternativas de resposta: concordo, concordo totalmente, não se aplica, discordo e discordo totalmente. Os resultados demonstraram que a prática coercitiva está presente nas relações conjugais como manutenção do controle de ambos os cônjuges. Os dados demonstraram que para o grupo masculino ocorreu mais evidências de comportamento de esQUIVA que os apresentados pelo grupo de mulheres, onde esse grupo demonstrou uma alta variabilidade nos tipos de respostas. Pode-se concluir que para os homens o comportamento de esQUIVA está mais presente em nossa cultura sendo que para as mulheres o contra controle pode ser uma explicação para a variabilidade nas respostas e isso pode ser justificado pela condição em que mulheres são criadas em nossa cultura dificultando aprendizado de fuga e esQUIVA.

PALAVRAS CHAVES: Relacionamento conjugal. Controle aversivo. Análise do comportamento.

ABSTRACT

The literature points to behavior analysis as a science in the last fifty years has been worried to show the influence that the environment has on human behavior. Studying this behavior within the context of conjugalities is faced with the control from the interactions and makes evident the coercive practice in marital relationships. In relation to this type of interaction, it can be stated that the control exercised by both partners in the relationship is real and must be in fact seen as a product of cultural practices in which we live, where the various changes in society are directly experienced by spouses. Every time a new law, a new reality, new ways of living and relating are witnessed. The present study aimed to describe behavioral patterns present in marital relations with a focus on coercive control. The study included 124 people, 62 men and 62 women, aged between 18 and 67 years. At the time of collection, all participants were married, wedding time between 04 months to 40 years. The participants were

¹ Discente do curso de Psicologia das Faculdades Associadas de Ariquemes -FAAR

² Pós-doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Docente na Faculdades Associadas de Ariquemes – e-mail: pedroso.r9@gmail.com

randomly chosen and data collection was performed in two stages, with the first step for a protocol for male and another group for females, as Gray (2008) with individual application. Then, was performed a content analysis taking into consideration the responses of each group to sentences presented to the participant. From these analyzes, was elaborated a protocol enclosed Likert scale, both for the male group and the female group, containing 22 sentences, 11 focusing on avoidance behavior and 11 escape behavior, with five response alternatives was prepared: I agree, I agree totally does not apply, disagree and strongly disagree. The results showed that the coercive practice is present in marital relations as maintaining control of both spouses. The data showed that for the male group was more evidence of avoidance behavior that displayed by the women's group, where this group showed a high variability in the types of answers. It can be concluded that for men the avoidance behavior is present in our culture and that for women the counter control may be an explanation for the variability in responses and this can be justified by the condition in which women are created in our culture hindering the learning of escape and avoidance.

KEYWORD: Marital relationship. Aversive control. Behavior analysis.

INTRODUÇÃO

A princípio, parece constituir a problemática dos relacionamentos conjugais o paradoxo marcado pelo desafio dessa interação, onde se inicia,

todo fascínio e toda dificuldade das relações conjugais, [...] e o fato de o casal encerrar, ao mesmo tempo, na sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, do casal conter dois sujeitos, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções de mundo, duas histórias de vida, dois projetos de vida, duas identidades individuais que, na relação amorosa, convivem com uma conjugalidade, um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, um projeto de vida de casal, uma identidade conjugal. Como ser dois sendo um? Como ser um sendo dois? (MARQUES, 2012, p. 01).

Não deixa de ter sua importância, principalmente no início do matrimônio, mas em uma análise mais aprofundada, percebe-se que muito mais sério é o que está por trás de tudo isso, ou seja, a ausência de um repertório adequado para lidar com os conflitos oriundos deste contexto, o que implica em um problema muito maior do que a própria interação, resultante de uma prática geracional naturalizada do controle aversivo, que com seus efeitos colaterais tardios se encarregam de pôr fim a tantos relacionamentos.

Nota-se ao longo da história, desde os primórdios da civilização que o relacionamento conjugal por si só constitui em parte uma prática coercitiva, cujos resultados implicam nos comportamentos de fuga e esquiva, que embora praticados pelo casal, como forma de manutenção do relacionamento impede que

comportamentos assertivos sejam utilizados, o que resulta nas diversas configurações, casado-solteiro, casamento moderno, enfim, na multiplicidade de arranjos que se dá dos mais tradicionais aos mais modernos, onde casais se constroem, se destroem e se reconstroem constantemente. (FÉRES-CARNEIRO, 2012).

A constante mudança que vem ocorrendo na configuração da família tem colocado em dúvida o real significado do casamento, e suas consequências têm se tornado preocupação de diversas áreas da ciência, passando a ser estudada em diversas partes do mundo. (CAVALCANTI, 2011).

Tal pesquisa se torna relevante, quando se enxerga o casamento como um importante bem público e, ao analisar as mudanças ocorridas neste cenário nas últimas décadas, percebe-se que a separação e/ou divórcio em si, não tem sido a solução dos conflitos tendo em vista à busca de uma nova constituição familiar, e o aumento significativo de queixas nos relacionamentos conjugais e familiares resultantes destas interações, como observa Marques (2012), psicoterapeuta de casal e família, embasada em sua prática diária de consultório.

Convém ressaltar também a importância desta pesquisa, por possibilitar o conhecimento científico do assunto, instigar uma reflexão sobre a relevância pública e privada do casamento; para a sociedade, por se beneficiar diretamente dos resultados; e para o meio acadêmico, por permitir novos estudos, novas publicações.

1 OLHAR ANALÍTICO COMPORTAMENTAL DAS RELAÇÕES CONJUGAIS

A literatura aponta para a análise do comportamento como uma ciência que nos últimos cinquenta anos tem se preocupado em mostrar a influência que o ambiente exerce sobre o comportamento humano. Ao estudar esse comportamento, depara-se com o controle proveniente das interações que se estabelece ao longo da existência e que, na maioria das vezes torna o mundo coercitivo. Além do governo, agências mantenedoras da lei, igrejas, escolas outras

Instituições existem e comunicam conosco mais frequentemente advertindo-nos sobre o que deveríamos fazer... ou então... [...]. Coação, punição – ameaça de punição ou de perda ou verbalizações sobre o que temos de fazer para fugir de, ou evitar punição ou perda é a técnica predominante para nos levar a ‘comportarmo-nos’. Opções como ‘coma as verduras ou

nada de sobremesa' ou 'diga isto outra vez e eu lavarei sua boca com sabão' (SIDMAN, 2011, p. 33).

O controle aversivo embora esteja presente em todos os segmentos da sociedade, é no ambiente familiar que se dá o seu aprendizado constituindo assim uma prática que ultrapassa gerações (TODOROV; MARTONE; MOREIRA, MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Apesar de seus efeitos não justificarem seu uso o mesmo é muito utilizado pelos cônjuges como forma de manutenção dos relacionamentos. Mesmo quando o relacionamento é satisfatório se observa o comportamento de fuga e/ou esquiva entre o casal o que pode ser benéfico até certo ponto, quando empregado de forma assertiva por permitir aos cônjuges se manterem unidos em matrimônio após um conflito além de sugerir a naturalidade da prática, sendo verídico também o seu contrário (SIDMAN, 2011).

De acordo com Sidman, “Muito frequentemente o casamento é uma relação de coerção, não de amizade, onde coerção, – ameaça de punição ou perda” (2011, p.19, 33) se fazem presente na interação, e isso faz com que vários tipos de relação se empobreça transformando o “casamento em escravidão e atos de amor em meros rituais, formalidades a serem observadas com o objetivo de manter a paz ou evitar o terror” (2011, p. 19).

Estas formalidades são tidas como alguns dos subprodutos do controle aversivo, outros ainda existem e podem ser detectados neste contexto: a raiva, o ressentimento, o medo, a ira, a ansiedade dentre outros tipos de sentimentos (SKINNER, 2006).

Dessa forma, o casamento deixa de ser um dos relacionamentos mais satisfatório e saudável existente na humanidade como afirmam Chesser, (1993); Marques (2012); Scorsolini-Comin e Santos, (2012), para se tornar no cenário atual onde os parceiros não estão preparados para a convivência. E quando isso acontece uma análise funcional da situação mostra que por via de regra este tipo de relação passa a ser controlado por reforçamento negativo onde o cônjuge na ânsia pela retirada de tudo que lhe é aversivo no ambiente opta por comportamentos de submissão no intuito de agradar o agente punitivo e, não solucionado dessa forma o conflito resulta em comportamentos agressivos e no divórcio (KOHLENBERG; TSAI, 2006).

Longe de ser solução para a maioria dos relacionamentos conjugais, o controle aversivo, mais especificamente o reforço negativo e a punição é sim um problema, quando se verifica as consequências deste em longo prazo (MARTINS, 2008).

Dessa forma interações conflituosas entre cônjuges se tornam uma contingência estabelecida por “reforçadores negativos e punidores, sendo estes os mesmos eventos funcionando de maneiras diferentes” (SIDMAN, 2011, p. 106). Podem-se fazer conflitos desaparecerem – eliminando uma relação conflituosa - reforçamento negativo; ou podem-se provocar conflitos quando as consequências destes começarem a se instalar – punição. Sendo assim o divórcio (DESSEN; BRAZ, 2000; LEVY, 2012; CHESSER, 1993; BRITTO, 2008; TOFFLER, 2001) que era para ser tido como a solução para os relacionamentos aversivos também se torna aversivo quando com o passar dos tempos deixa de ser solução para os divorciados. A esse respeito, Sidman (2011, p. 246-7), acrescenta que,

O sucesso imediatamente visível da coerção muitas vezes parece justificar seu uso, mas os efeitos colaterais não-pretendidos, que algumas vezes aparecem muito tempo depois, anulam o sucesso imediato. No final das contas a coerção invalida seus próprios objetivos.

Por ser o reforço negativo mantenedor de fuga e esquiva faz com que um indivíduo emita comportamentos que faça desaparecer os conflitos quando se está diante de uma situação que é reforçada negativamente e, uma vez tendo funcionado o comportamento emitido por ele é certa a repetição deste todas as vezes que o mesmo entrar em contato com estímulos discriminativos associados ao contexto passado (MOREIRA; MEDEIROS, 2007). Isso pode justificar em parte os rearranjos familiares que sem tem hoje.

O fato de o casamento ser em sua grande maioria uma relação coercitiva se dá em função da relação estreita que vincula o sistema familiar ao controle, onde a coerção é a maneira mais efetiva de se ensinar conduta apropriada e a esquiva o modo mais comum de se estabelecer e manter interações (MACHADO, 2002).

No ambiente familiar as práticas coercitivas iniciam-se muito cedo.

Assim que os bebês começam a mover-se por conta própria, a ‘mexer’ nas coisas, adultos recorrem à restrição e punição para estabelecer limites. Não é difícil encontrar pais que raramente falam com suas crianças exceto para admoestar, corrigir ou criticar. Mesmo quando bebês, somos expostos ao modelo coercitivo; aprendemos

rapidamente que a coerção é o modo-padrão para fazer com que os outros façam o que queremos. Isso não acontece porque somos cruéis ou maus por natureza ou por que queremos inculcar essas qualidades em nossos filhos, mas porque não conhecemos alternativas efetivas. A natureza raramente fornece outro modelo para que imitemos. A vida social [...] continua a intensificar o modelo coercitivo. Como a coerção ambiental, a coerção social é tão predominante que consideremos difícil imaginar a vida sem ela. Controle coercitivo permeia nossas vidas, [de tal forma que] o punidor pode nem saber da conexão entre a punição e a fuga (SIDMAN, 2011, p. 42-3, 107).

Historicamente observa-se nas literaturas que discorrem sobre o assunto que desde os primórdios da civilização o controle já era algo estabelecido na cultura onde se praticava alguma interação conjugal. Nessa época embora não existisse ainda uma lei explícita que estabelecesse uma regra social para esse tipo de convivência, o controle constituía uma prática implicitamente exercida pelos homens sobre as mulheres. Com o crescimento dos grupos, leis que regulamentassem esse tipo de interação se tornaram necessária originando a união estável. (LEVENHAGEM 1986L LENZA, 2009, LIMA, 2012).

Já nos anos 60, período marcado por mudanças comportamentais bruscas (GIKOVATE, 2001), como sendo o período regido pela insatisfação, nota-se a existência do comportamento implícito de contra controle, onde o povo já se encontrava cansado de ser controlado como era. Não podendo fugir ou se esquivar da situação encontram como meio de acabarem com o controle estabelecido nesse período uns novos ritmos para se viver, e em função disso, novas leis são criadas pelo Estado no intuito de resolver a situação (SIDMAN, 2011).

Ao analisar a história da civilização humana o que se observa é o ciclo coercitivo que se estabelece nas interações onde constantemente os indivíduos buscam se livrar dele, seja por meio da fuga, da esquiva e por fim o contra controle quando a fuga e a esquiva não são suficientes (TODOROV, 2001, ANDERY; SÉRIO, 2001, MACHADO, 2002, KOHLENBERG; TSAI, 2006, TODOROV, MARTONE; MOREIRA, 2005, MOREIRA; MEDEIROS, 2007, MARTINS, 2008; SIDMAN, 2011). Isso é sério quando se analisa que esses comportamentos “levam a uma supressão tão severa que deixa as pessoas com nada a ganhar por submeter-se e nada a perder por rebelar-se”, e assim se as pessoas não forem capazes de se livrar da situação aversiva de forma a eliminar as punições ou ameaças elas encontrarão jeito de controlar seus controladores (SIDMAN, 2011, p. 225).

Sendo o reforço negativo, o reforço positivo e a punição formas eficazes de controlar comportamento (ANDERY; SÉRIO, 2001), se torna comum entre os cônjuges, principalmente o reforço negativo e a punição por seu efeito imediato de fazer cessar uma situação aversiva e proporcionar alívio ao controlador, logo, os efeitos colaterais de tudo isso é a vida de desespero, o sofrimento, a desconfiança e ódio (SKINNER, 2006), que se resume em tamanha insatisfação conjugal das quais muitos casais se encontram.

Para o coagido não resta alternativa a não ser a fuga e/ou a esquivas como formas de prevenir contra os ataques do parceiro, e, para isso várias formas de esquivas existem, sendo elas: a esquiva adaptativa onde o cônjuge coagido pelo seu parceiro se prepara para adaptar-se a seu ambiente; a desistência do mundo cuja finalidade é se livrar do ambiente aversivo; delegação de responsabilidades a terceiros; e omissão na tomada de decisão (SIDMAN, 2011).

Como se percebe o controle aversivo produz subprodutos que dificultam a interação do casal, pois enquanto fogem ou esquivam-se do problema não tomam consciência de suas condutas e assim nenhum tipo de resolução pode ser alcançado.

Análises e considerações sobre as causas dos problemas conjugais foram feitas por Gray, (1996, 2008), Marques (2012), Perlin (2006), Schaffer (2009), Gikovate (2001), Dias (2000), Chesser (1993), Toffler (2003) dentre outros. Embora todos apresentem uma possível causa para os conflitos que assolam o contexto das relações conjugais, é a análise de Toffler (2003) a que mais se mostra coerente com a proposta da análise do comportamento, ao propor que as mudanças da época atual afetam o comportamento humano.

Não desmerecendo nenhuma das demais análises feita pelos autores supracitados, mas, para os analistas do comportamento classificar os conflitos conjugais apenas com base nas diferenças primárias, diferenças biológicas e ou nas diferenças psicológicas entre homem e mulher é fazer uma análise micro social do problema, e isso não é o suficiente quando se constata que dois mil anos não foram o bastante para que ambos conhecessem todas essas diferenças que são condições inerentes da espécie e obterem assim um relacionamento satisfatório.

Considerando que a análise do comportamento é a ciência que estuda o comportamento e partindo da premissa de que as consequências influenciam a

conduta, se torna possível realizar uma análise macro social da situação atual. Ao fazer isso percebe-se como as pequenas alterações ambientais interrompem uma ação em curso e inicia um novo comportamento (SKINNER, 2006).

Olhar para a história da humanidade permite constatar que cada mudança brusca no padrão familiar está diretamente vinculada a uma modificação social (TOFFLER, 2003), e que conforme a sociedade muda exige mudanças adaptativas no seio familiar, assim a família extensa da época primitiva com o advento do industrialismo precisa deixar para trás boa parte de seus agregados originando um novo padrão familiar a denominada família nuclear constituída por pai, mãe e alguns filhos.

Em seguida a era capitalista trata de diminuir ainda mais a família e novos arranjos são necessários, a cultura sem filho, a união informal, a família agregada vai assumindo o controle da sociedade (CRUZ, 2010).

Com o casamento em si não foi diferente, tendo sido este estruturado dentro de uma doutrina religiosa onde não se permitia a separação, sendo condição única para isso a viuvez até 1891, ocasião em que o Estado passa a legislar sobre o casamento e a separação se torna possível. Com isso o matrimônio passa a ter outra perspectiva e a família outra configuração (LEVENHAGEM, 1986).

O mundo com sua prática coercitiva modela os relacionamentos conjugais de tal forma que as pessoas envolvidas neste processo apenas sobrevivem, e não tendo consciência disso resulta no que Sidman (2011) denomina de círculo vicioso constituindo fonte de comportamento disfuncional entre o casal.

É com base na análise desenvolvida que para os analistas do comportamento os conflitos conjugais não são consequências de uma variedade de sentimentos, denominados emoções, crenças, uma vez que estas são também subprodutos do controle desencadeados pelas contingências das quais a pessoa foi exposta. Podendo ser visto então como resultado de interações (TODOROV, 2007; TODOROV, 2008; TODOROV; MOREIRA, 2008) que se estabelecem em um dado ambiente do qual o indivíduo é forçado a se comportar.

Controle aversivo gera comportamentos de fuga e esquiva. Nos relacionamentos conjugais esses comportamentos são muito frequentes, isso, pois, devido ao fato de ambos os cônjuges estarem em uma interação onde comportamentos são punidos, colocados em extinção e ou até reforçados

negativamente na tentativa de tornar funcional o relacionamento, nessa interação, os parceiros estabelecem contextos com o intuito de fazer com que o outro emita o comportamento desejado (SIDMAN, 2011).

Se por um lado esses padrões comportamentais parecem ser funcionais na medida em que evitam conflitos entre o casal, por outro, se torna um problema, pois obscurece o padrão comportamental de ambos, dificultando o conhecimento entre eles, negligenciando tanto os comportamentos públicos quanto os privados (SIMONASSI, TOURINHO; SILVA, 2001) e consequentemente interferindo na relação.

O fato de um dos cônjuges se esquivarem cria um contexto aversivo para o outro, onde este por sua vez passa a emitir comportamentos que aumentam a frequência dos comportamentos de esquiva e/ou fuga daquele, e assim, ambos passam a emitir cada vez mais comportamentos desajustados que resultam nos fracassos conjugais, justificando ao menos em parte o aumento no número de divórcio.

A falta de clareza quanto às consequências que estão mantendo a interação conflituosa é sim um dado importante que além de justificar as brigas entre o casal, reforça os comportamentos disfuncionais acima descritos e implica em encontrar um responsável pelos conflitos.

Embora o fato de se buscar sempre um culpado nesse tipo de interação seja percebido pelos casais como um questionamento de fácil resposta, não é. (PEDROSO; JANUÁRIO, 2012).

E isso pode ser constatado quando se analisa os conflitos dessa ordem dentro da perspectiva analítica comportamental e se constata que, ambos os parceiros são vítimas de um mesmo processo, onde estão presentes os efeitos colaterais do controle aversivo, o que resulta em um círculo vicioso cujos parceiros encontram-se aprisionados por ele.

Considerando que nem todo controle é coercitivo e que este é um comportamento necessário para a manutenção da ordem o problema é a forma como ele é exercido.

Esses contextos apontam as consequências do controle quando exercido de forma inadequado e pode ser constatados na análise dos dados coletados por meio de entrevista com casais na cidade de Ariquemes.

O objetivo do presente estudo foi descrever padrões comportamentais presentes na relação conjugal frente à situações de conflitos.

2 METODOLOGIA

Participantes

Participaram do presente estudo 124 pessoas, sendo 62 homens e 62 mulheres com idade entre 18 e 67 anos. No momento da coleta todos participantes se encontravam casados, com tempo de casamento entre 04 meses a 40 anos.

Material

O material utilizado para coletar os dados consistiu em dois protocolos, sendo um semiestruturado e outro em escala Likert. O primeiro elaborado com base na bibliografia de Gray (2008) contendo 15 tipos de padrões de comportamentos mais comuns em conflitos de casais, e o segundo construído a partir dos dados coletados com o primeiro.

Procedimento

Os participantes foram escolhidos aleatoriamente obedecendo ao critério de estarem casado no momento da coleta. A coleta de dados foi realizada em duas etapas, sendo que para cada etapa foi elaborado um protocolo para o grupo masculino e outro para o grupo feminino conforme Gray (2008):

Para certificar-se da eficácia do mesmo um teste piloto com base no protocolo desse autor foi desenvolvido e aplicado em dois casais seguindo todas as normas da aplicação das demais etapas da pesquisa.

Na primeira etapa foi realizada uma entrevista semiestruturada com 20 participantes, sendo 10 homens e 10 mulheres. Os itens contidos no protocolo de entrevista tomaram como base os seguintes temas:

2.1 Para as mulheres:

1 - Ele larga tudo jogado pela casa. Estou cansada de arrumar a bagunça que ele deixa.

- 2 - Nós dois trabalhamos. Por que ele não ajuda mais quando chegamos em casa?
- 3 - Ele senta na frente da televisão, enquanto eu faço tudo. Não sou sua empregada particular.
- 4 - Não consigo acreditar que ele se esqueça de tudo. Não posso depender dele para nada que seja importante para mim.
- 5 - Eu tenho que me desdobrar, fazendo mil coisas, e ele parece nem ligar, ou nem quer ajudar.
- 6 - A única hora em que ele me ajuda é quando peço. Por que não pode simplesmente fazer, como eu?
- 7 - Quando tento falar com ele, ou está distraído, ou fica interrompendo para dar soluções.
- 8 - Quando ele fala, fala sem parar e não está interessado no que eu tenho a dizer. Eu gostaria que ele me desse menos conselhos e me ajudasse mais.
- 9 - Ele fica temperamental e irritado. Eu não sei o que fazer para ajudar. Ele simplesmente me exclui de sua vida.
- 10 - Ele era mais afetuoso e interessado. Agora ele me ignora, a menos que queira algo.
- 11 - Ele nem nota mais a minha aparência. Será que esperar um elogio ocasional é muito?
- 12 - Não posso falar sobre como me sinto, e o que penso e o que acho que devemos fazer, sem que ele se sinta como se eu o estivesse controlando e lhe dizendo o que fazer.
- 13 - hora em que ele me toca é quando quer sexo.
- 14 - Eu passo o dia todo com as crianças, depois ele chega em casa e quer me dizer o que faço de errado.
- 15 - Sempre que falamos das finanças, temos uma briga. O que eu digo parece não ter importância.

2.1.1 Para os homens:

- 1 - Sempre há algo que não fiz.
- 2 - Ela sempre encontra algo novo para reclamar
- 3 - Ela quer tudo feito na hora. Por que não pode simplesmente relaxar?

- 4 - Não posso crer que ela se lembra de todos os meus erros e não pare de mencioná-los.
- 5 - Quando me ofereço para ajudar, ela sempre acha algo errado em minhas sugestões. Para que me incomodar?
- 6 - Ela espera que eu seja um leitor de mentes e saiba o que ela quer.
- 7 - Quando tento relaxar ou passar um tempo com meus amigos, ela reclama que não ficamos juntos o bastante.
- 8 - Eu ajudo na casa, mas ela continua exausta. Nada do que eu faço me reconhecido ou estimado.
- 9 - Eu nunca sei quando ela vai aparecer com uma lista de reclamações. Eu me sinto como se tivesse que andar sobre ovos ao redor dela.
- 10 - Ela está sempre reclamando de alguma coisa. Nada a deixa feliz.
- 11 - Ela faz um cavalo de batalha das coisas. Por que tem que ser tão emotiva?
- 12 - Ou ela reclama por eu trabalhar demais, ou com coisas demais para fazer.
- 13 - Eu me sinto como se tivesse que saltar por dentro de argolas para fazer sexo com ela.
- 14 - Quando fico com as crianças, ela me corrige no que faço. Ela diz que precisa de uma folga, mas depois fica me dizendo o que fazer.
- 15 - Quando repassamos as contas, ela me questiona quanto à forma como gasta o dinheiro. Não quero que ela fique me dizendo o que fazer.

No primeiro momento, abordava-se os participantes, se apresentava para os mesmos explicando em seguida a finalidade da pesquisa e após o aceite em participar do estudo era apresentado a este o protocolo contendo as situações e solicitados que o (a) mesmo (a) relatasse o que faziam quando o (a) parceiro (a) emitia tais comportamentos.

A coleta de dados dessa etapa se deu de forma individual num período de quinze dias, nos quais, a pesquisadora entrava em contato com os participantes agendava um horário de acordo com a disponibilidade dos mesmos. No momento da pesquisa, a situação contida no protocolo era lida pela pesquisadora para o participante e, só passada para a situação seguinte após ter sido relatado por eles os seus comportamentos e anotado pela mesma. Por se tratar de um estudo descritivo, o presente trabalho focou em descrever todos os comportamentos verbais

dos participantes visando os comportamentos de fuga e/ou esquivas presente no contexto.

Em seguida, foi realizada uma análise de conteúdo levando em consideração as respostas de grupo para cada uma das sentenças apresentadas aos participantes. A partir dessas análises foi elaborado um questionário fechado em escala *likert*, sendo novamente um para o grupo feminino e outro para o grupo masculino contendo 22 sentenças, sendo 11 focando comportamento de esquivas e 11 o comportamento de fuga, com cinco alternativas de resposta, sendo elas: concordo, concordo totalmente, não se aplica, discordo e discordo totalmente.

2.3 Modelo de questões para escala *Likert* feminino (esquivas)

- 1 Arrumo a bagunça que ele deixa pela casa para não ter que brigar como ele.
- 2 Aceito o fato de ele chegar em casa e não ajudar nas atividades domésticas por não ter aprendido a fazer isso na casa de sua família.
- 3 Aceito fazer as atividades do lar enquanto ele assiste televisão porque não tenho alternativa a não ser brigar.
- 4 Ele nunca se lembra das minhas recomendações. Fico chateada, mas não posso cobrá-lo, pois o máximo que conseguiria seria uma briga.
- 5 Faço mil coisas ao mesmo tempo sem a ajuda do marido simplesmente para evitar conflitos com ele.
- 6 Ele só me ajuda com os afazeres quando peço, pedir me estressa, prefiro fazer tudo sozinha para evitar uma discussão.
- 7 Fico muito chateada por ter que cobrar a atenção do marido para ser ouvida, por isso prefiro me calar.
- 8 Quando ele está irritado fala sem parar e eu fico calada, pois falar mais, não adianta já que ele não está interessado no que tenho a dizer e isso só iria agravar mais a situação.
- 9 Quando ele está irritado, simplesmente não faço nada, pois não sei como agir neste momento então não me atrevo a dar se quer uma sugestão, pois tenho medo de sua reação.

10 Minhas sugestões nunca são bem aceitas pelo marido, para evitar chateações e/ou brigas simplesmente me calo não emitindo nenhuma opinião.

11 Evito falar em finanças porque o que eu digo parece não ter nenhuma importância para ele.

2.3 Modelo de questões para escala *Likert* feminino (fuga)

1 Brigo com ele quando deixa as coisas jogadas pela casa, ele fica com raiva e não arruma, depois acabo arrumando.

2 Brigamos quando estamos juntos em casa por ele não querer ajudar nas atividades de casa, e eu acabo fazendo sozinha

3 Depois que cobro para ajudar nas atividades de casa, ele desliga a televisão e sai para um lado com raiva e eu acabo fazendo

4 Fico péssima, entristeço-me bastante e termino brigando com ele por se esquecer de tudo.

5 Ele se mostra indiferente diante do acúmulo de atividades que tenho para fazer, sinto muito ódio, reclamo bastante e termino por fazer tudo sozinha sem a ajuda dele.

6 Sempre que preciso solicitar a ajuda do marido com os afazeres do lar me estresso e falo bastante, às vezes ele me ajuda, outra se justifica e por fim sai de casa e geralmente sou eu quem acabo por fazer.

7 Ele está sempre distraído, preciso chamar sua atenção para ser ouvida, ele e eu ficamos com raiva e depois termino por falar o que queria falar no momento anterior a discussão.

8 Quando ele está irritado fala sem parar embora eu não deixe por menos, a gente briga e no final deixo como se ele tivesse razão.

9 Ele fica temperamental e irritado e toda vez que tento ser solidária a gente briga e mesmo com raiva procuro me ausentar e respeitar o seu momento.

10 O marido não acata meus conselhos por acreditar que estaria sendo controlado por mim, apesar de sentir-me muito incomodada com isso, procuro sempre conversar.

11 Eu sempre brigo quando o assunto é finanças, porque o que eu digo parece não ter importância.

2.4 Modelo de questões para escala *Likert* masculino (esquiva)

- 1 - Sempre que ela começa a reclamar de algo tento compensá-la de alguma outra forma para me livrar da situação.
- 2 - Aceito em silêncio o fato dela sempre ter algo novo para reclamar para evitar confusão.
- 3 - Procuo fazer tudo que é possível na hora em que me é solicitado para evitar entrar em atrito com ela.
- 4 - Levo na brincadeira o comportamento dela de sempre mencionar os meus erros quando está nervosa ou simplesmente fico quieto para evitar discussões.
- 5 - O fato de ela achar que eu deveria sempre saber o que ela deseja mesmo quando isso não me é claramente exposto me deixa angustiado, mesmo assim procuro agradá-la com o que quer para não gerar um conflito.
- 6 - Privo-me dos contatos sociais e lazer com meus amigos para evitar discussões com a esposa.
- 7 - Ajudo nas atividades domésticas de vez em quando para agradar a esposa e evitar reclamações.
- 8 - Procuo agradá-la constantemente para não ser surpreendido por uma lista de reclamações.
- 9 - Reclamações referentes à minha carga horária de trabalho são constantes em casa. Embora isso me deixe irritado não abro mão das responsabilidades para com o trabalho, mas para evitar conflitos procuro compensar a minha ausência de outro jeito.
- 10 - Sempre que fico com as crianças procuro tranquilizá-la para ficar livre das recomendações e evitar o estresse proveniente da situação.
- 11 - Procuo não falar de questões financeiras com a esposa para evitar questionamentos feitos por ela quanto à forma como gasto o dinheiro.

2.5 Modelo de questões para escala *Likert* masculino (fuga)

- 1 - Fico irritado diante de tantas reclamações e saio de casa para evitar uma briga.
- 2 - O fato dela sempre ter algo novo para reclamar, me deixa indignado e acabo brigando com ela.

- 3 - Ela quer tudo feito na hora. O fato de não saber esperar o meu momento me deixa com raiva e procuro não atender as necessidades apresentadas por ela de fazer tudo na hora como gostaria.
- 4 - Fico muito nervoso e brigo diante do comportamento emitido por ela de não parar de mencionar os meus erros em todas as discussões que temos.
- 5 - O fato de ela achar que eu deveria sempre saber o que ela deseja mesmo quando isso não me é claramente exposto me irrita e não me vejo na obrigação de atendê-la.
- 6 - Ela vive tentando limitar os meus contatos sociais, mas o máximo que ela consegue com isso além de provocar uma discussão é criar uma situação que me force ainda mais estar com os amigos.
- 7 - Mesmo ela reclamando eu não ajudo nas tarefas domésticas porque nada do que faço me é reconhecido.
- 8 - Fico nervoso e discuto com ela sempre que sou surpreendido por uma lista de reclamação.
- 9 - Me estressa saber das minhas responsabilidades financeiras com a família e ter que ouvir as reclamações constantes da esposa referente a minha carga horária de trabalho.
- 10 - Brigo com ela todas as vezes que fico com as crianças e ela fica me corrigindo no que faço acabo por fazer do meu jeito por não gostar de ser cobrado.
- 11 - Sempre que falamos de finanças temos uma briga, pois ela vive querendo me dizer a forma como devo gastar o dinheiro e eu não aceito.

Já na segunda etapa algumas modificações na coleta de dado foram observadas. As aplicações em sua grande maioria se deram de forma coletiva em duas instituições públicas, CEEJAAR – Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Ariquemes; EEEFM. Cora Coralina e uma entidade paraestatal também nesta cidade, SENAI. Estas instituições foram escolhidas devido à grande concentração de pessoas casadas que são alunos das mesmas.

Para a aplicação do protocolo de escala *Likert* o mesmo procedimento da primeira fase foi seguido, apresentava o protocolo e então aplicava o mesmo, se colocando à disposição destes para quaisquer dúvidas que viessem a surgir,

retirando-se do ambiente após a entrega do último protocolo respondido para evitar algum efeito do experimentador.

Para realizar a pesquisa, o estudo tomou como base a análise funcional: S^D: Cpt → Csq³. Os dados foram distribuídos em gráfico e tabelas sendo analisados macro funcionalmente de forma que após analisar quais comportamentos de fuga ou esquiva foram mais emitidos pelos participantes, um comparativo entre a população masculina e feminina foi estabelecido com a finalidade de detectar qual o padrão comportamental mais utilizado por um e por outro e, por fim uma análise de conteúdo para investigar se os dados coletados nesta etapa são condizentes com os dados coletados na segunda etapa. Onde essa análise de conteúdo se deu da seguinte forma, o grupo de respostas coletadas referentes a cada sentença era analisadas individualmente e, observado que apesar de terem sido expressados de forma diferentes o conteúdo era semelhante em todas elas.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 Resultados do primeiro estudo

Este primeiro estudo consistiu em três fases, onde primeiramente foi feita uma análise de conteúdo seguida de análise funcional dos dados masculinos e femininos separadamente e por fim uma análise comparativa entre eles como segue.

Os resultados das análises obtidas com os participantes do sexo masculino demonstraram que o comportamento de esquiva foi o mais emitido por eles. Já os resultados das análises femininas sugerem o contra controle como comportamento mais utilizado por elas.

Embora um número significativo de outras respostas tenha sido encontrado e não puderam ser descritas como comportamentos de fuga e/ou esquiva nos dados femininos.

³ S^D: Cpt → Csq, se refere à estímulo discriminativo (o contexto que antecede o comportamento; Cpt é o comportamento em questão da análise; e Csq são as consequências produzidas pelo comportamento. S^D: Cpt → Csq é conceituado pela Análise do Comportamento como contingência tríplice, uma ferramenta conceitual utilizada para fazer análises funcionais do comportamento.

3.1.1 Análise de conteúdo (a. C.) E análise funcional (a. F.) Para o grupo masculino

Diante de todas as respostas foi realizada uma análise de conteúdo e em seguida uma análise funcional de cada situação.

1ª SITUAÇÃO: Sempre há algo que não fiz.

A.C.: Esta situação é consenso entre os homens, e apesar de se irritarem com a situação o comportamento mais relevante verbalizado por eles foi o de compensar a falha de alguma forma, seja dando mais atenção por uns dias, seja presenteando, enfim compensa com outras coisas.

A.F.: Embora se irrite, reconhecem a veracidade dos fatos diante da necessidade de compensar as falhas (conforme relato). E no intuito de fugir da situação aversiva sem que tenha que mudar de comportamento reforça o comportamento da esposa.

2ª SITUAÇÃO: Ela sempre encontra algo novo para reclamar

A.C.: Para os participantes que se identificaram nesta situação várias respostas foram emitidas no sentido de amenizar o conflito, sendo elas: discussão, questionamentos, tentativas fracassadas de mudanças, convencerem a esposa, e, ficar em silêncio para evitar a confusão.

A.F.: Embora tenha registrado comportamento de esquiva neste contexto, a porcentagem não é significativa. Sendo relevantes os comportamentos de fuga emitidos pelos participantes como meio de resolução de conflitos.

3ª SITUAÇÃO: Ela quer tudo feito na hora. Por que não pode simplesmente relaxar?

A.C.: Os homens que demonstraram vivenciar esta situação representam apenas 40% da população estudada, e estes deixaram claro em seus relatos não darem importância para as exigências deste nível quando ocorre, fazendo sempre o possível e no momento que ele julgue ser o certo.

A.F.: Neste contexto os homens foram unânimes no sentido de não reforçarem os comportamentos aversivos das esposas.

4ª SITUAÇÃO: Não posso crer que ela se lembra de todos os meus erros e não pare de mencioná-los.

A.C.: Segundo os homens é um fato que os deixa muito nervoso e algumas medidas são utilizadas como: algumas vezes falam outras leva na brincadeira, se esquivar, ficar quieto.

A.F.: Diante dos dados obtidos para a maioria dos participantes, um contexto aversivo existe para eles, e estes por sua vez ao emitirem comportamentos de esquiva ou mesmo comportamentos de falar que poderia ser positivo, o jeito que o

utiliza em escala variável além de impedir a resolução do conflito, reforça este tipo de comportamento nas mulheres.

5ª SITUAÇÃO: Quando me ofereço para ajudar, ela sempre acha algo errado em minhas sugestões. Para que me incomodar?

A.C.: Não é o caso dos maridos que participaram da entrevista, já que relatam serem bem aceitas suas sugestões pelas esposas.

A.F.: A análise de conteúdo não forneceu dado para análise funcional.

6ª SITUAÇÃO: Ela espera que eu seja um leitor de mentes e saiba o que ela quer.

A.C.: 60% dos entrevistados afirmaram não vivenciar este contexto, pois suas esposas são bem expressivas em suas comunicações, já os 40% restante disseram conversar e tentar atendê-la melhor.

A.F.: Na tentativa de evitar constrangimentos procuram agradar as esposas e assim fogem dos conflitos.

7ª SITUAÇÃO: Quando tento relaxar ou passar um tempo com meus amigos, ela reclama que não ficamos juntos o bastante.

A.C.: O que se observou entre os participante foi à privação de contatos sociais dos maridos para agradar as esposas.

A.F.: O contexto aversivo criado pelas esposas torna funcional para o casal quando se analisa que além das esposas serem atendidas em suas expectativas de ter atenção do esposo observa também que os maridos ao se privarem dos contatos sociais para ficarem com elas obtêm igualmente a atenção destas e isso se tornam reforçador para ambos, pois dar mais atenção a elas além de evitar conflitos reforça comportamento de ambos e por isso eles se sujeitam a tal situação.

8ª SITUAÇÃO: Eu ajudo na casa, mas ela continua exausta. Nada do que eu faço me é reconhecido ou estimado.

A.C.: A maioria não emite este tipo de comportamento. Mas para os que relataram emitirem raramente esse tipo de comportamento, justificou ser para não acostumar mal à esposa, por não ser reconhecido o trabalho, devido o fato da esposa não trabalhar fora. E quando fazem e não são reconhecidos observa o relato do marido de não querer fazer mais, já nos casos que são estimados nota-se o relato de gostar de fazer quando está bem humorado.

A.F.: O que se tem então são perdas de reforçadores por parte das esposas quando exaustas, o que faz com que o marido mesmo não contente com a situação execute o que lhe é cobrado na tentativa de agradá-las. Assim evita confusão e reforça os comportamentos delas.

9ª SITUAÇÃO: Eu nunca sei quando ela vai aparecer com uma lista de reclamações. Eu me sinto como se tivesse que andar sobre ovos ao redor dela.

A.C.: É uma situação que de acordo com dados da pesquisa pode ser considerada até bem corriqueira entre os casais, e os maridos relataram discutir/conversar bastante com a esposa cada reclamação apresentada.

A.F.: Neste contexto percebe-se que os homens são bem assertivos quando a questão é dialogar.

10ª SITUAÇÃO: Ela está sempre reclamando de alguma coisa. Nada a deixa feliz.

A.C.: Foi consenso entre os homens o “não” como resposta.

A.F.: A análise de conteúdo não forneceu dado para análise funcional.

11ª SITUAÇÃO: Ela faz um cavalo de batalha das coisas. Por que tem que ser tão emotiva?

A.C.: O comportamento comum adotado pelos homens que participaram da pesquisa como meio de resolução deste conflito é a conversa.

A.F.: Neste contexto percebe-se que os homens são bem assertivos quando a questão é dialogar

12ª SITUAÇÃO: Ou ela reclama por eu trabalhar demais, ou com coisas demais para fazer.

A.C.: Os comportamentos observados para esta situação foram: explicar para as esposas a necessidade de se trabalhar assim e quando não resolve tento compensar de outro jeito.

A.F.: E como mecanismo de resolução do conflito eles emitem o comportamento de fuga, onde procura compensar de alguma forma essa ausência.

13ª SITUAÇÃO: Eu me sinto como se tivesse que saltar por dentro de argolas para fazer sexo com ela.

A.C.: 90% dos entrevistados afirmaram não viver esta situação. E 10% relatam respeitar a decisão da esposa embora ficando muito bravo sendo em sua concepção um comportamento padrão para todos os homens.

A.F.: Para o percentual que relataram vivenciar este contexto o que se analisa é o comportamento de esquiva emitida por eles, nem tanto no sentido de evitar conflitos, mas sim de evitar a punição propriamente dita, já que a perda de reforçadores é bem utilizada neste contexto.

14ª SITUAÇÃO: Quando fico com as crianças, ela me corrige no que faço. Ela diz que precisa de uma folga, mas depois fica me dizendo o que fazer.

A.C.: Embora a grande maioria dissesse não partilharem desta situação por não terem filhos ou filhos pequenos, o que se percebe entre os casais onde esta situação é mais frequente a resposta do marido é de tranquilizar a esposa e não se incomodarem com isso.

A.F.: Ao tranquilizar a esposa consegue eliminar todo o controle da mãe sobre o ambiente e assim se esquia de entrar em contato com qualquer tipo de comportamento aversivo.

15ª SITUAÇÃO: Quando repassamos as contas, ela me questiona quanto à forma como gasta o dinheiro. Não quero que ela fique me dizendo o que fazer.

A.C.: Os maridos relataram apresentar sempre justificativas quanto e em que foi gasto.

A.F.: E ao fazer conseguem responsabilizar as esposas também pelas despesas e assim fugirem facilmente do contexto aversivo.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO (A. C.) E ANÁLISE FUNCIONAL (A. F.) PARA O GRUPO FEMININO

Diante de todas as respostas foi realizada uma análise de conteúdo e em seguida uma análise funcional de casa situação.

1ª SITUAÇÃO: Ele larga tudo jogado pela casa. Estou cansada de arrumar a bagunça que ele deixa.

A.C.: Comportamentos de deixar sem fazer, fazer, brigar, chamar a atenção, reclamar, foram registrados como resultados desta situação. Sendo o comportamento de brigar o mais emitido pelas esposas.

A.F.: Diante dos dados obtidos para a maioria das participantes, um contexto aversivo é estabelecido para que os maridos emitam o comportamento esperado, e assim, os maridos têm uma maior frequência de comportamentos de fugas que se esquia.

2ª SITUAÇÃO: Nós dois trabalhamos. Por que ele não ajuda mais quando chegamos em casa?

A.C.: A maioria das participantes relatou que os homens não fazem as atividades por não terem aprendido na família, verbalizações de frustração foi apresentada pelas participantes.

A.F.: Apresentam uma justificativa que tende a ser funcional ao passo que obscurece o padrão submisso das esposas além de evita conflitos com o cônjuge, o que implica na falta de assertividade por parte das mesmas em lidar com a situação.

3ª SITUAÇÃO: Ele senta na frente da televisão, enquanto eu faço tudo. Não sou sua empregada particular.

A.C.: Embora esta seja uma atitude dos maridos que incomode algumas mulheres, o que se nota é a ausência de comportamentos neste caso, tendo em vista que a maioria já relata ter se acostumado e não ser algo que a irrita tanto, por isso acabam por fazer tudo.

A.F.: A ausência de assertividade por parte das esposas permitiu ser colocado em extinção à expressão dos comportamentos de modo a não se irritarem mais com os comportamentos dos maridos e assim se auto anularem nas relações.

4ª SITUAÇÃO: Não consigo acreditar que ele se esqueça de tudo. Não posso depender dele para nada que seja importante para mim.

A.C.: Para algumas esposas isto é fato para outras é uma esquivas, mas a verdade é que quase todas relataram sentirem-se péssimas e comportamentos de briga, estresse, desespero e tristeza foi bem comum entre elas.

A.F.: Diante dos dados obtidos para a maioria das participantes, um contexto aversivo existe para as mulheres e estas por sua vez emitem comportamentos que aumentam a frequência de comportamentos de fuga para os maridos.

5ª SITUAÇÃO: Eu tenho que me desdobrar, fazendo mil coisas, e ele parece nem ligar, ou nem quer ajudar.

A.C.: Para esta situação a alternativa encontrada foi a da mulher fazer tudo sozinha, pois o marido sempre tem uma sugestão diferente do fazer, como por exemplo: sugerir a contratação de uma auxiliar quando a condição financeira permite caso contrário, aconselha as parceiras a não se incomodarem tanto com os afazeres domésticos.

A.F.: Neste contexto observam-se várias situações que são aversivas para as mulheres, a desorganização, a passividade do homem, os conselhos simplistas que estes emitem como forma de resolver a situação enquanto elas esperavam por uma ação por parte deles e a raiva que surge de tudo isso que acaba por estabelecer um contexto extremamente aversivo para as esposas, as quais emitem o comportamento de executar toda a tarefa como único meio que se tem para fugir e/ou se esquivar do estresse gerado por todo o contexto.

6ª SITUAÇÃO: A única hora em que ele me ajuda é quando peço. Por que não pode simplesmente fazer, como eu?

A.C.: O fato dos homens só ajudarem quando solicitados é motivo de bastante estresse para as mulheres que, para não ficarem pedindo preferem fazer.

A.F.: O fazer neste contexto mais uma vez sinaliza não uma obrigação apenas para as mulheres, mais do que isso, sinaliza o comportamento de fuga diante do comportamento de pedir.

7ª SITUAÇÃO: Quando tento falar com ele, ou está distraído, ou fica interrompendo para dar soluções.

A.C.: As mulheres relataram sentir-se muito irritadas diante desta situação, por isso cobram a atenção do marido e às vezes terminam se chateando por ter que cobrar para ser ouvida, outras vezes nem assim é ouvida e, tudo isso resulta em raiva, brigas e por fim abandonam a situação.

A.F.: O que se tem então é a extinção dos comportamentos aversivos emitidos pelas mulheres diante da não obtenção de êxito com o marido.

8ª SITUAÇÃO: Quando ele fala, fala sem parar e não está interessado no que eu tenho a dizer. Eu gostaria que ele me desse menos conselhos e me ajudasse mais.

A.C.: 50% das entrevistadas concordaram vivenciar esta situação e o comportamento emitido por elas para isso é o de simplesmente se calar, pois segundo elas não adianta muito argumentar neste momento. Outras 50% disseram não compartilharem da situação descrita.

A.F.: Para aquelas que vivenciam este contexto o que se pode observar é o comportamento de fuga estabelecido pelo sentimento de impotência diante do comportamento aversivo do marido.

9ª SITUAÇÃO: Ele fica temperamental e irritado. Eu não sei o que fazer para ajudar. Ele simplesmente me exclui de sua vida.

A.C.: A pesquisa mostra que nem todos os casais passam por esta situação, mas para aqueles que se identificou com a mesma, o que se observa são relatos das esposas de não saberem como agir neste momento e por isso deixa-o resolver sozinho.

A.F.: E o que ficou subentendido nestes relatos foi o sentimento de impotência diante do fato e para evitar a fomentação do conflito emitem o comportamento de esquiva, evitando assim sugerir algo que pudesse ajudá-lo.

10ª SITUAÇÃO: Ele era mais afetuoso e interessado. Agora ele me ignora, a menos que queira algo.

A.C.: Para esta situação nenhuma resposta foi coletada que indique a vivência deste contexto pelos casais pesquisados.

A.F.: A análise de conteúdo não forneceu dado para análise funcional.

11ª SITUAÇÃO: Ele nem nota mais a minha aparência. Será que esperar um elogio ocasional é muito?

A.C.: As respostas obtidas neste contexto foram: o marido que era despercebido quando se casaram continua sendo até hoje, o que era observador continua sendo observador.

A.F.: Nesta situação é consenso não ter havido nenhuma mudança neste sentido.

12ª SITUAÇÃO: Não posso falar sobre como me sinto, e o que penso e o que acho que devemos fazer, sem que ele se sinta como se eu o estivesse controlando e lhe dizendo o que fazer.

A.C.: Das 50% que se identificaram com esta situação disseram conversar muito, sendo que quando o comportamento do marido persiste umas relataram deixar de lado o assunto e outras insistem em conversar. E todas se sentem incomodadas.

A.F.: Para as que insistem com o diálogo, percebe-se um comportamento assertivo, já para as outras que relataram se calar o que observa é um comportamento de fuga o que indica a probabilidade de uma relação não muito saudável.

13ª SITUAÇÃO: única hora em que ele me toca é quando quer sexo.

A.C.: É consenso entre as esposas o não como resposta a esta situação.

A.F.: A análise de conteúdo não forneceu dado para análise funcional.

14ª SITUAÇÃO: Eu passo o dia todo com as crianças, depois ele chega em casa e quer me dizer o que faço de errado.

A.C.: Essa situação não obteve relevância quanto a respostas positivas, pois o que se observa no público da pesquisa é que alguns casais são de segunda relação e não têm filhos juntos, outros ainda não tiveram filhos e outros ainda já não têm mais filhos pequenos.

A.F.: A análise de conteúdo não forneceu dado para análise funcional.

15ª SITUAÇÃO: Sempre que falamos das finanças, temos uma briga. O que eu digo parece não ter importância.

A.C.: Essa situação não demonstra ser relevante para todos os casais, mas para a minoria das entrevistadas que se identificaram o que se observa é o comportamento de discussão todas as vezes que o assunto estiver em pauta, mas mesmo assim continuam cobrando do marido.

A.F.: Estabelece um contexto aversivo onde o casal procura se posicionar constantemente, sugerindo o controle e o contra - controle.

As tabelas apresentadas abaixo fazem parte da segunda fase do primeiro estudo e tomou como critérios para observação a classificação dos comportamentos de esquiva e fuga para cada uma das dez respostas obtidas nas quinze sentenças utilizadas na pesquisa (apresentadas no início deste estudo), o que possibilitou quantificar os padrões comportamentais.

Outras variáveis comportamentais não previstas na pesquisa foram detectadas no momento da apuração e, portanto, tabuladas sob a categoria - "outros" (raramente, às vezes, comportamentos de esquiva e fuga na mesma situação, além de respostas que não possibilitam detectar comportamentos de esquiva/fuga). Além destas a resposta de não vivenciar a situação.

Embora esta etapa da pesquisa tenha sido entrevista aberta, estes procedimentos adotados para a análise, tornou possível identificar qual o padrão comportamental mais emitido pelos participantes.

Tabela 1: Quantidade de respostas que se enquadram no padrão de esquiva, fuga, outros padrões e os que não vivenciavam a situação perguntada para os participantes homens.

SENTENÇAS	ESQUIVA	FUGA	OUTROS	NÃO VIVÊNCIA
1 ^a	7	2	1	-
2 ^a	3	1	1	5
3 ^a	4	-	-	6
4 ^a	3	3	-	4
5 ^a	2	-	1	7
6 ^a	2	1	1	6
7 ^a	4	1	-	5
8 ^a	3	1	-	6
9 ^a	5	1	-	4
10 ^a	1	-	-	9
11 ^a	2	-	5	3
12 ^a	4	-	1	5
13 ^a	1	-	-	9
14 ^a	3	-	-	7
15 ^a	3	1	-	6
Total	47	11	10	82

Os dados quantificados na Tabela 1 permite certificar-se de que os comportamentos de esquiva foram os mais emitidos pelos participantes do sexo masculino.

Quanto à variável não vivenciada, apesar ter apresentado um número significativo ela deixa de ser relevante para o estudo quando se recorda que as sentenças foram baseadas na prática de Gray (2008), ou seja, apenas com casais que vivem em conflitos, o que não aconteceu neste estudo, já que os casais foram selecionados aleatoriamente.

Tabela 2: Quantidade de respostas que se enquadram no padrão de esquiva, fuga, outros padrões e os que não vivenciavam a situação perguntada para os participantes femininos.

SENTENÇAS	ESQUIVA	FUGA	OUTROS	NÃO VIVÊNCIA
1 ^a	2	4	1	3
2 ^a	4	1	2	3
3 ^a	4	-	2	4
4 ^a	4	1	2	3
5 ^a	2	2	2	4
6 ^a	2	1	3	4
7 ^a	4	1	1	4
8 ^a	2	2	1	5
9 ^a	4	-	1	5
10 ^a	-	-	1	9
11 ^a	-	-	2	8
12 ^a	3	-	1	6
13 ^a	-	-	1	9
14 ^a	2	1	-	7
15 ^a	-	3	1	6
Total	33	16	21	80

Com base nos dados desta Tabela 2, duas variáveis se tornam relevantes para o estudo, a esquiva e outros.

Sendo a esquiva a de maior relevância, pois, apesar da variabilidade de respostas está ainda é a que mais se sobressaiu.

Igualmente na análise dos dados masculinos, a variável não vivenciada, apesar de seus resultados significativos, deixa de ser relevante também para este estudo, pelos mesmos motivos descritos na análise acima.

Uma análise comparativa dos resultados masculinos e femininos deste estudo permite observar que, o comportamento de esquiva constitui uma prática

entre os homens. Já as mulheres, emitem também este comportamento, porém em menor frequência.

4.1 Resultados do segundo estudo

Igualmente, ao primeiro estudo, este segundo estudo foi desenvolvido com base em três análises, sendo a primeira uma análise geral da Figura 1 (gráfico masculino), seguida de uma análise geral da Figura 2 (gráfico feminino) e, por fim, uma terceira análise, onde se estabeleceu um comparativo entre as duas figuras.

Este estudo tomou como base para análises as respostas de maior frequência em cada um dos 11 tipos de comportamentos presentes em ambas as situações pesquisadas, esquiva e fuga para posterior descrição dos dados.

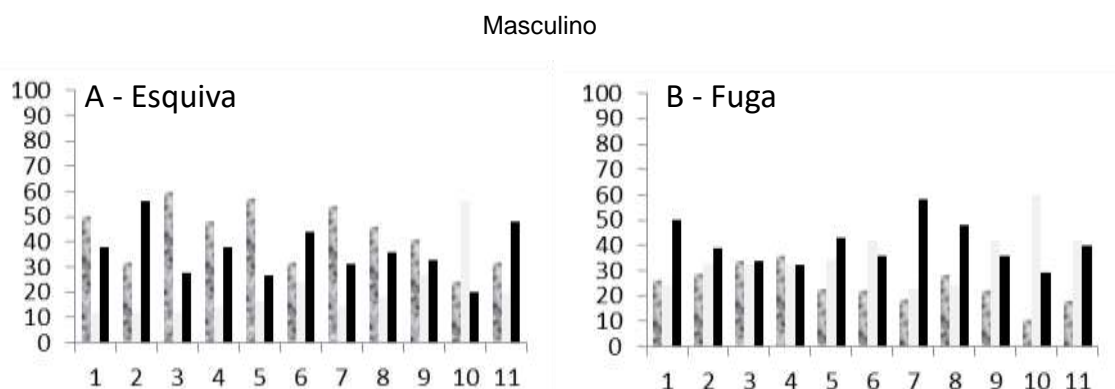


Figura 1: Dados obtidos dos participantes masculino referente a escala likert (procedimento) onde concordância (cinza manchado), indiferença (cinza claro) e discordância (preto). O Gráfico A apresenta os resultados da situação de esquiva e o Gráfico B os resultados da situação de fuga.

No geral, os dados para os participantes homens demonstram que a maioria concordou na maioria das situações de esquivas. Apenas nas situações 2, 6, 10 e 11 não houve a mesma tendência, ou seja, a maioria dos participantes discordaram nas situações 2 (*Aceito em silêncio o fato dela sempre ter algo novo para reclamar para evitar confusão*), 6 (*Privo-me dos contatos sociais e lazer com meus amigos para evitar discussões com a esposa.*) e 11 (*Procuro não falar de questões financeiras com a esposa para evitar questionamentos feitos por ela quanto à forma como gasto o dinheiro.*), para a situação 10 (*Sempre que fico com as crianças procuro tranquilizá-la para ficar livre das recomendações e evitar o estresse proveniente da situação.*) não se aplicou a maioria devido a característica particular da amostra estarem no segundo casamento ou no início.

Pode-se observar nos dados em situação de esquiva que as situações com mais concordância foram 3, 5 e 7 onde houve a maior diferença entre as outras opções de escolha (discordo e indiferente). Onde situação 3 (*Procuro fazer tudo que é possível na hora em que me é solicitado para evitar entrar em atrito com ela.*), 5 (*O fato de ela achar que eu deveria sempre saber o que ela deseja mesmo quando isso não me é claramente exposto me deixa angustiado, mesmo assim procuro agradá-la com o que quer para não gerar um conflito.*) e 7 (*Ajudo nas atividades domésticas de vez em quando para agradar a esposa e evitar reclamações.*).

Ao comparar os dados obtidos pelos participantes em situações de fuga pode-se observar que não houve uma situação específica onde a maioria emitira comportamentos de fuga. Para as situações 1, 7 e 8 os dados demonstram uma maior diferença na opção de discordância em relação às outras duas opções (concordo e indiferente). Onde situação 1 (*Fico irritado diante de tantas reclamações e saio de casa para evitar uma briga*), 7 (*Mesmo ela reclamando eu não ajudo nas tarefas domésticas porque nada do que faço me é reconhecido*) e 8 (*Fico nervoso e discuto com ela sempre que sou surpreendido por uma lista de reclamação.*).

Os dados das situações 1 e 7 estão de acordo nas duas condições (esquiva e fuga), ou seja, uma maior ocorrência de esquiva em relação à fuga. Na situação 8, mesmo tendo uma menor diferença entre as opções de escolha (concordo, discordo e indiferente) na condição de esquiva, quando relacionado à condição de fuga os dados demonstra maior frequência de esquiva do que fuga levando em consideração que a discordância da situação pode ser vista como concordância na situação de esquiva. A situação 10 mantém a característica da amostra de não terem filhos pequenos.

Na condição de fuga, pode-se observar que a distribuição entre concordância, discordância e indiferente para algumas das situações (2, 3, 4 e 5) não tiveram grandes diferença entre si. Para o restante das situações a maioria dos participantes demonstra indiferente ou discordância, evidenciando que o comportamento de fuga é pouco frequente na relação.

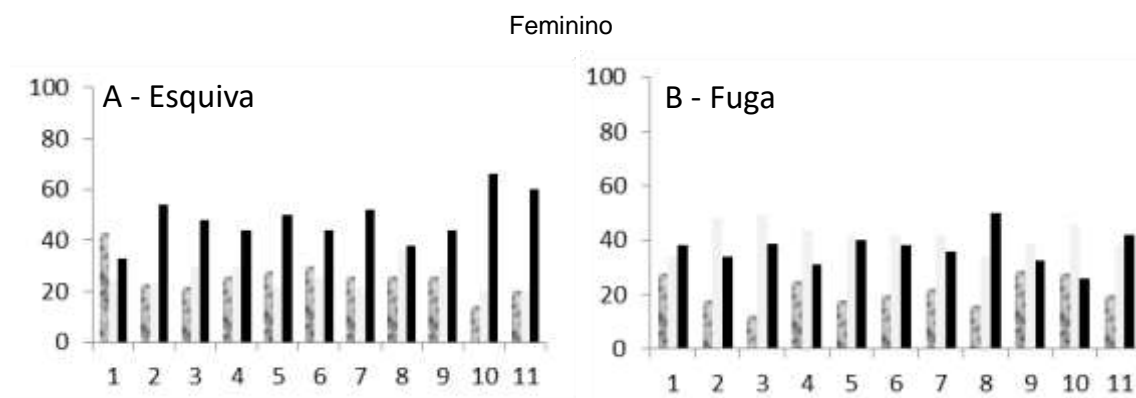


Figura 2: Dados obtidos dos participantes feminino referente a escala likert (procedimento) onde concordância (cinza manchado), indiferença (cinza claro) e discordância (preto). O Gráfico **A** apresenta os resultados da situação de esquiva e o Gráfico **B** os resultados da situação de fuga.

No geral os dados para as participantes mulheres demonstram na condição de esquiva uma tendência a discordar de todas as situações, exceto na situação 1 (Arrumo a bagunça que ele deixa pela casa para não ter que brigar como ele.), ou seja, boa parte das participantes tende a emitir essa classe de comportamentos para se esquivarem de conflitos.

Na condição de fuga, a tendência maior foi escolher a opção indiferente para a maioria das situações, exceto para situação 8 (*Quando ele está irritado fala sem parar embora eu não deixe por menos, a gente briga e no final deixo como se ele tivesse razão*) onde a diferença foi maior. Os dados nas duas condições (esquiva e fuga) demonstram que a maioria das participantes discordou ou se colocaram como indiferente para todas as situações, onde, em nenhuma situação houve uma concordância que fosse maior que a soma das outras opções (discordância e indiferente).

4.1.2 Análise comparativa entre Figuras e Gráficos

Tanto na Figura 1 (dados masculinos) quanto na Figura 2 (dados femininos), o Gráfico **A**, apresenta respostas utilizadas para analisar comportamentos de esquiva. Já o Gráfico **B** de ambas as figuras, contém as respostas que permitem analisar comportamentos de fuga.

Tomando como ponto de partida para esta análise um comparativo entre os Gráficos **A**, observa-se a semelhança nas respostas para as situações de nº 01 (concordâncias), 02, 06 e 11 (discordância) apenas.

Seguida de um comparativo entre os Gráficos **B** (situação de fuga), onde a semelhança se dá na situação de nº 01 e 08 (discordância), 06, 09 e 10 (indiferença).

Por fim uma análise feita entre as Figuras 1 e 2 (masculino e feminino), e os Gráficos **A** (esquiva) e **B** (fuga) ao mesmo tempo, permite perceber que o único padrão comportamental semelhante utilizados pelos participantes foi o de esquiva para a situação de nº 01.

4.1.2.1 Análise comparativa entre os dados masculinos e femininos e entre o primeiro e segundo estudo

No geral, os dados obtidos no primeiro estudo com os participantes do sexo masculino e feminino em ambas as situações, esquiva e fuga, são corroborados pelos dados do segundo estudo, onde se observa, portanto, que os resultados das análises masculinas, apontam a esquiva como resposta mais emitida pelos homens em ambos os estudos.

Da mesma forma as análises dos dados femininos puderam ser corroborados entre eles. A variabilidade comportamental encontrada no primeiro estudo justifica a discordância delas para a situação de esquiva e a indiferença para a situação de fuga no segundo estudo.

CONCLUSÃO

O estudo revelou que os relacionamentos conjugais desde os primórdios da civilização tiveram uma história permeada por controle.

A união conjugal tinha um valor precípuo e sua manutenção deveria ser mantida a qualquer preço, conforme a expressão 'até que a morte nos separe'. As mulheres deveriam se manter fiéis e dedicadas à criação dos filhos, obedecendo aos maridos, em uma repetição de uma relação de submissão social e econômica. A vida pública era reduto exclusivo dos homens. Os papéis (dos cônjuges)

eram claramente marcados e diferenciados. A desigualdade era aceita e reforçada socialmente, sem qualquer preocupação com os aspectos afetivos e sexuais da mulher (DINIZ NETO; FERES-CARNEIRO, 2005, p. 134-5).

Pode-se perceber que, a relação de poder era explicitamente estabelecida, onde o homem era o controlador e a mulher a controlada. Naquela época, praticamente não se falava em divórcio, o que leva a inferir que os conflitos não eram algo tão intenso entre os casais.

Um fator que contribui diretamente para esta hipótese ao analisar a história da conjugalidade é a passividade das mulheres diante da agressividade de seus parceiros conjugais, tendo em vista que a submissão era um padrão comportamental ensinado às mulheres.

Um estudo semelhante a este, realizado naquela época, provavelmente mostraria outro resultado. Atualmente, pôde-se observar com a pesquisa, como as mudanças ocorridas de lá para cá afetaram os comportamentos de ambos na relação.

Os homens que a princípio, de acordo com a literatura pareciam ser mais adeptos ao comportamento de fuga atualmente passaram a emitir a esquiva como padrão comportamental conforme mostra as análises realizadas com os mesmos.

Já as mulheres, que as evidências apontariam para um padrão comportamental de esquiva em virtude de sua passividade, não foi o que se observou atualmente.

Estes fatos são corroborados pelos resultados do segundo estudo onde a maioria delas discordou deste padrão comportamental como respostas a situações apresentadas.

Com base nestas informações, a primeira hipótese a ser levantada como possível resposta ao padrão de comportamento que vem sendo emitido por elas é o contracontrole.

O fato de elas terem discordado desta situação (esquiva), e não terem também concordado com a situação de fuga implica dizer que elas entram em contato constantemente com o que lhes é aversivo e, levando em consideração os estudos de Sidman (2011) o qual revela que a tendência do indivíduo ao se sentir pressionado e não se ver em condições de fugir ou se esquivar busca o contra controle como um dos meios de resolver os conflitos.

Isto se torna um problema quando se analisa que este comportamento é o tipo de consequência mais grave da punição, por resultar “no ciclo coercitivo controle, contracontrole, contracontrole e assim por diante – finalmente leva a uma supressão tão severa que deixa as pessoas com nada a ganhar por submeter-se e nada a perder por rebelar-se” (SIDMAN, 2011, p. 225).

Desta forma, não tendo por que ser assertiva na resolução de conflitos cria um contexto aversivo para os maridos do qual os mesmos buscarão esquivar-se. Assim o contracontrole justifica não só a demanda de mulheres cujas queixas são os relacionamentos conjugais nos consultórios de psicologia como também o número crescente de divórcio, que por sua vez, pode ser tido como resultado de longo prazo de uma história de coerção.

No entanto, entende-se que todo conflito conjugal só acontece mediante um contexto ambiental, ou seja, tem que existir antes uma situação para que os comportamentos sejam eliciados, assim sendo, fica claro que as diferenças biológicas e psicológicas tratadas por alguns autores no início do trabalho não exercem papel fundamental neste contexto apenas influência nas reações.

Gray (2008), o autor que mais enfatiza as questões biológicas e psicológicas nos relacionamentos conjugais, se torna relevante para este estudo ao reconhecer em suas pesquisas e descrever sobre o papel do condicionamento social desempenhado por homens e mulheres que ao se unirem em uma relação sofrerão as consequências desta contingência estabelecida tanto pela sociedade, quanto pelos próprios pais.

Dessa forma, apesar de os estudos de Gray atribuir boa parte das dificuldades conjugais às diferenças básicas existente entre sexo oposto, não deixa de mencionar em suas bibliografias os impactos trazidos pelas transformações sociais nos últimos tempos, onde ele analisa a influência das diferenças básicas na resolução dos conflitos, porém sem deixar de considerar que, a forma como cada um lida com a situação conflituosa é que desencadeia no outro o comportamento de resposta, estando assim de acordo com os princípios da análise do comportamento. No entanto,

O entendimento dos comportamentos respondentes é fundamental para a compreensão do comportamento humano. Embora reconheça que tais processos representam somente uma pequena parcela do repertório da maioria dos organismos e que é o comportamento

operante que deve ser o objeto de estudo da psicologia (BORGES, 2012, p. 18).

E, por serem os comportamentos operantes resultados de um condicionamento se faz necessário a compreensão das diferenças culturais na criação de homens e mulheres.

Entender a construção social das diferenças de gêneros e torna relevante para justificar os resultados da pesquisa, já que uma divergência entre o padrão de resposta feminino e masculino pode ser observado.

A esse respeito, Santos (2009), menciona que o fato de a mulher ter sido criada a partir da costela de um homem sob o ponto de vista mítico a fez submissa por muito tempo. Tendo resultado dessa percepção a suposta fragilidade desta e a consequente necessidade de ser dominada pelo homem, sexo forte.

Tudo isso, fez com que à mulher restasse-lhe o espaço privado, cuja função primordial era a maternidade, dessa forma ela deveria aprender regras específicas diferenciadas das dos homens. Estes por sua vez restaram-lhe o espaço público e funções totalmente diferenciadas. O que se tornou conhecido segundo Santos (2009, p.2) “como ‘processo de diferenciação’ entre homens e mulheres ficou fundamentalmente marcado pela divisão social e sexual do trabalho”

Com o advento das duas guerras mundiais, a mulher passa a ocupar os espaços deixados pelos homens em virtude de suas obrigações com a pátria e, ganha seu espaço pouco a pouco.

Apesar de estas ganharem força no mundo público, observa-se que as mesmas ainda não eram dignas de exercer o papel social em todas as esferas como o homem. Além de não desempenhar qualquer atividade continuava devendo obediência a eles e sendo responsável pela sua função primordial de perpetuadora da espécie.

Com o passar dos tempos, embora a sociedade tenha se transformado, ainda é possível perceber alguns resquícios dos padrões culturais daquela época.

Em casa, ainda hoje, as práticas educativas ensinadas para o gênero feminino, embora tenha se perdido bastante dos valores daquela época, a essência dos mesmos se mantém entre as gerações. Para a menina é ensinado desde muito cedo, que deve ser cuidada, protegida, é permitido expressar seus sentimentos, que deve ser mais virtuosa, enfim, regras de conduta totalmente diferente da do sexo

oposto podem ser percebidas. Nas brincadeiras de casinha, por exemplo, a menina é treinada a ser mãe, ser dona de casa perpetuando assim o seu papel.

Já para os meninos, as brincadeiras designadas para eles são todas de treinos de autonomia, liberdade e as cobranças dos cuidadores para com eles são todas neste sentido. Homem não chora, homem é forte, homem tem que enfrentar o problema.

Quanto a estes, observa-se que as cobranças da sociedade são coerentes com as da família, o que pode justificar o fato de eles terem um padrão comportamental de resposta. Neste contexto ainda, pode-se afirmar que o homem é condicionado a se esquivar se não pela família, sim pela sociedade a qual, o estimula a produzir comportamentos que sem um repertório de esquivas adequadas resultaria em conflitos diversos com seus familiares como é o caso da infidelidade por exemplo.

Em se tratando do sexo feminino, o mesmo não ocorre. A sociedade por sua vez, estabelece cobranças muito discrepantes das ensinadas em casa. Ao mesmo tempo em que ela cobra da mulher o profissionalismo, a liberdade econômica, ela cobra a maternidade, o êxito nos cuidados do lar, ao mesmo tempo em que ela permite a mulher ser frágil ela cobra a fortaleza ao impor-lhe que dê conta de tantos atributos, isso leva a inferir a causa da variabilidade de resposta comportamental emitida por elas.

Com base no estudo desenvolvido, pode-se pensar então como possível solução para os problemas que afetam as relações conjugais um novo condicionamento que seja adequado as contingências atuais do mundo moderno, lembrando que, este seria um processo em longo prazo cujos resultados poderiam ser vividos por uma geração vindoura.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amália Pie Abib; SÉRIO, Tereza Maria Azevedo Pires. A violência urbana: aplica-se à análise da coerção? In: BANACO, Roberto Alves. **Sobre comportamento e cognição**: aspectos técnicos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva. v.1. Santo André: ESETec, 2001.

BORGES, N. F. & Cassasm F. A. (2012). **Clínica analítico comportamental: aspectos teóricos e práticos**. Porto Alegre: Artmed.

CAVALCANTI, Nicolau da Rocha. Casamento e sociedade. **Consulex**. Brasília, DF, (s.v), ano xv. nº 358, p. 56-8, dez, 2011.

CHESSER, Barbara Russell. **O Mito do casamento perfeito: e outras ilusões sobre a vida conjugal**. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

CRUZ, Luciana Najan Silva da. **O Tratamento jurídico das relações simultâneas sob a ótica da dignidade da pessoa humana**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.emerj.rj.gov.br/paginas/trabalhos_conclusao/1semestre2010/trabalhos_12010/lucianacruz.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2012.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 16, n. 3, p. 221-231, set-dez, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ptp/v16n3/4809.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

DIAS, Monica de Vasconcellos. **A Construção do casal: um estudo sobre relações conjugais contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC, 2000. Tese (Doutorado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica, 2000. Disponível em: <http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/teses/2000-Dias_M_V.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2012.

DINIZ NETO, Orestes; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Psicoterapia de casal na pós-modernidade: rupturas e possibilidades**. Campinas: 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2005000200003>. Acesso em: 15 nov. 2012.

GIKOVATE, Flávio. **Uma Nova visão do amor**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2001.

GRAY, John. **Homens, mulheres e relacionamentos: fazendo as pazes com o sexo oposto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

GRAY, John. **Por que Marte e Vênus colidem: como homens e mulheres podem driblar o estresse**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KOHLBERG, Roberto J.; TSAI, Mavis. **Psicoterapia analítica funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas**. Santo André: ESETec, 2006.

LEVY, Laura Affonso da Costa. **Vínculo conjugal: o novo fim que se espera**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/vinculo-conjugal-o-novo-fim-que-se-espera/27483/>>. Acesso em: 25 jun. 2012.

LIMA, Jaqueline Nepomuceno. **Nova lei do divórcio – emenda à luz Constitucional n.º66, de 13 de julho de 2010**. Disponível em: <<http://www.rossipipino.com.br/artigos/8/NOVA%20LEI%20DO%20DIVORCIO.pdf>>. Acesso em: 12 mai. 2012.

MACHADO, Solange L. A manipulação coercitiva nas relações. In: GUILHARDI, Hélio José. **Sobre comportamento e cognição**: contribuições para a construção da teoria do comportamento. V.10. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2002.

MARQUES, Carla. **Os relacionamentos conjugais e seus desafios**. Clínica do Ser Integral. Florianópolis. Dispo nível em:
<http://www.clinica.carlamarques.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=49:os-relacionamentos-conjugais-e-seus-desafios&catid=37:artigos&Itemid=66>. Acesso em: 20 mar. 2012.

PERLIN, Giovana Dal Bianco. **Casamentos contemporâneos**: um estudo sobre os impactos da interação família-trabalho na satisfação conjugal. Brasília: UNB, 2006. Disponível em:
<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/9274/1/2006_GiovanaDalBiancoPerlin.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2012.

SANTOS, Liana Reis dos. **Entendendo a construção social das diferenças de gênero**. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2009. Disponível em:
<http://www.cepac.org.br/blog/wpcontent/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Multiplos_Temas.pdf6>. Acesso em: 15 nov. 2012.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio. **Satisfação Conjugal**: Revisão Integrativa da Literatura Científica Nacional. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n3/a15v26n3.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2012.

SIDMAN, Murray. **Coerção e suas implicações. s.e. s.l**: Livro Pleno, 2011.

SIMONASSI, Lorismario Ernesto; TOURINHO, Emmanuel Zagury; SILVA, André Vasconcelos. Comportamento privado: acessibilidade e relação com o comportamento público. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 14, n. 1, p. 133-142, 2001.

SKINNER, B. F. (1953/2006). **Ciência e comportamento humano**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes.

TODOROV, João Claudio. Quem tem medo de punição. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 3, n. 1 p. 37-40, 2001.

TODOROV, João Claudio; MARTONE, Ricardo Corrêa; MOREIRA, Márcio Borges. **Metacontingências: comportamento cultura e sociedade**. ESETec, 2005.

TODOROV, João Claudio. A psicologia como estudo de interações. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v.l., 23, n. especial. 2007.

TODOROV, João Claudio; MOREIRA, Márcio Borges. Psicologia, comportamento, processos e interações. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 22, n. 3, 2008.

TOFFLER, Alvin. **O Choque do futuro**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.



TOFFLER, Alvin. **A Terceira onda**. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.